

Toda Beleza na TV.

Ana Mae Barbosa,

Professora titular ECA-USP e Anhembi Morumbi dirigiu o MAC-USP e foi presidente da INSEA-UNESCO e da ANPAP

Os doze programas especiais para a Série Toda Beleza do canal Futura podem ser encarados como um Currículo de Cultura Visual para um ano acadêmico de classes do ensino fundamental, ensino superior ou ensino não formal.

Cultura Visual é uma disciplina que entrou no mundo acadêmico a partir dos anos 90. Professores Universitários insatisfeitos com as limitações das análises formalistas dos historiadores da Arte começaram a questionar estas limitações como já o haviam feito os professores de literatura em relação à História da Literatura quando criaram a disciplina de Estudos Culturais. Por outro lado sociólogos e antropólogos, passado o período da demonização da indústria cultural, tiveram seu interesse despertado para investigações sobre a influência da mídia e sobre a função da visualidade em termos de valores e identidades comunicados pelas imagens. Muitos arte/educadores ingenuamente ou perversamente nos querem fazer pensar que a Cultura Visual é designação criada pela Arte/Educação mas como disse acima foram os dissidentes da História da Arte, Sociólogos e Antropólogos que cunharam o termo.

Já há muitos programas universitários de Graduação e Pós Graduação em Cultura Visual no exterior. No Brasil temos o programa de Pós-graduação em Cultura Visual na Universidade de Goiás, além de disciplinas com este nome em várias universidades.

Fala-se que vivemos na era visual, mas para mim hoje não há preponderância entre o visual e o verbal. Ambos se integram no que chamamos cultura da tela: cinema, internet, TV. A Cultura da Tela sim, é a cultura dominante de nosso tempo.

A Cultura da Tela formula questões, circula informações, provoca prazer.

Estas funções são mais aprofundadas se não vemos apenas como o olhar turista mas também com o olhar analítico e contextualizador. Para isto precisamos evitar

o centrismo ocular e substituí-lo pela exploração da imagem como experiência da qual a acuidade visual vai se alimentando.

O objetivo é nos tornarmos visualmente autoconscientes e melhor ,descobrirmos que conhecimentos podemos extrair das imagens aliadas às palavras.

O centrismo ocular deixa o observador passivo e nos remete ao modo de ver cartesiano, perspectivista da Renascença , o observador estático diante da imagem , como diz Martin Jay¹ . Para ele há três modos de ver : o que já mencionamos , o empirismo observacional e a visão barroca.

Associa o empirismo observacional à pintura holandesa do século XVII que leva o observador a examinar os detalhes que compõem a imagem . Já a visão barroca em virtude da exageração pictórica,na impossibilidade de se dar conta de todos os elementos leva o observador a escolher os que mais atraem sua percepção e com eles organizar uma narrativa peculiar em relação à imagem original.

A esta categorização de Jay acrescento a visão cubista que juntamente com a visão barroca corresponde aos ideais pedagógicos da pós-modernidade que por sua vez se aliam à cultura da tela para sua realização. A visão cubista descortina a imagem observada de diversos pontos de vista diferentes e busca além da imagem o seu contexto.

Os doze programas produzidos pelo Canal Futura para o projeto *Toda Beleza*, vistos através da visão barroca e da visão cubista, representam o campo expandido da sensação de preenchimento que a experiência de beleza nos provoca. Que experiência é esta?

Vamos a uma parábola que li há muitos anos atrás.Uma cidade foi construída num vale rodeado de montanhas Era difícil chegar e sair de lá pois as montanhas passavam o ano todo cobertas de neve .Os habitantes da cidade viam as montanhas como impedimento à comunicação e ao comercio,fonte de frio e avalanches. Nunca as viram como beleza , mas como opressão e perigo. Um dia chega um fotografo forasteiro à cidade e faz magníficas fotografias das montanhas que passam às páginas das revistas de todo o mundo como imagens de beleza inusitada.Eram as montanhas bonitas em si mesmas ou só passaram a

ser bonitas depois que o fotógrafo as converteu em beleza? A beleza está no olhar do observador ou as coisas podem ser bonitas mesmo que ninguém as veja como tal? Ou beleza depende de nossa experiência com as coisas? Se for, que tipo de experiência garante que algo é bonito? É a experiência da beleza única e irreduzível? É a beleza de um objeto uma qualidade do modo como o vemos ou uma qualidade que ele realmente tem?

Os programas lidaram com a beleza da diferença, do diferente, da similaridade, das transformações, da natureza e do artefato, das relações humanas, da individualidade e do coletivo.

Analisaremos um deles

Três Casais- a beleza das relações humanas duradouras.

Neste filme texto e imagem se integram magistralmente. O filme é bem humorado. A imagem brinca com os detalhes. A cor valoriza da mesma maneira os diferentes ambientes. Se os alunos viram o filme “A Casa de Pedra Enfeitada” da mesma série, comparar as rupturas da narrativa de Três Casais com a linearidade da imagem de A Casa de Pedra Enfeitada. Fazer prestar atenção à música e se possível comparar também a persistência e a variedade em um e outro.

Estes três casais têm o mesmo nível econômico e cultural? Comente as diferenças. É ocasião para se discutir a relação entre o nível econômico e cultural no país. Se o nível cultural se eleva é possível melhorar o nível econômico?

Que é comum aos três casais? Entre muitas coisas a Arte faz parte da vida dos três. Como?(dança, poesia, canto)

Analise as casas. Como as definiria? Que nos mostra o cineasta do lugar em que vivem? Em que casa há livros?

Descreva a salão de baile. O que o faz parecer bonito?

Qual o papel das mulheres nos três casais? E hoje qual o papel da mulher no casamento?

Porque um homem que parece tão inofensivo era constantemente preso? O que é comunismo? Seria interessante o trabalho interdisciplinar com um/a professor/a de História para comentar os períodos de perseguição a comunistas ou supostos

comunistas na Segunda Guerra Mundial pelos Nazistas e no Brasil durante as ditaduras do Estado Novo(1936-1945) e ditadura Militar (1964-1984).

O documentário argentino, *Raimundo* , que trata da vida do documentarista Raimundo Glayser, morto pela ditadura , que começou filmando no Brasil em 1963/64, poderia ser mostrado.

Também para melhorar o Português se poderia ler o livro de Ligia Bojunga sobre Tomie Ohtake que aborda de maneira muito sutil o problema da Ditadura Militar. Como o tempo mudou a sociedade politicamente? E do ponto de vista dos costumes ? Como são os namoros hoje? Qual o medo que ronda as relações amorosas hoje?

Você sabe como seus pais se conheceram? E seus avós?

É possível ver beleza na velhice?

O professor pode propor que fotografem velhos de suas relações ou na rua .

Trazer as fotografias para a aula , compara-las , falar sobre elas.

Se não podem ter acesso a câmeras fotográficas, propor que recortem de jornais e revistas casais ou crianças com os pais e tragam para a escola a fim de comentar sobre a representação da afeição que vai além da beleza .Pode se focar na beleza das relações amorosas de pais e filhos, jovens namorados , velhos ,etc Como as crianças pequenas têm uma visão afetiva da beleza do outro ,pedir que recortem fotos de adultos com crianças e tragam para a aula para comentar sobre o que acham que a criança da foto sente pelo adulto retratado.

A/O professor/a poderá mostrar imagens da Arte como : Ivan Albright Auto retrato- 1935- The Art Institute of Chicago e Domenico Ghirlandaio-1480-Um homem velho e seu neto- Museu do Louvre e fotos de velhos de Sebastião Salgado .

Estas obras geram perguntas como:

Uma obra de Arte pode ser bonita se o seu objeto é feio? Pessoas com pouca experiência de ver e ler imagens certamente dirão que não como responderão também não a mesma pergunta formulada de outra maneira como a que se segue:

Uma pintura de uma coisa feia pode ser uma pintura bonita?

Os mais experientes pensarão cuidadosamente antes de responder a perguntas como essas e o pensar leva a desenvolver a percepção das imagens e da Arte.²

Dizer que uma coisa é bonita é a mesma coisa que dizer que gosta dela? Você pode gostar de uma coisa feia? Você pode não gostar de uma coisa e ela não ser feia? Eu não gosto de comida com pimenta mas isto não quer dizer que comida com pimenta é feia.

Discussões como estas mostram que algumas vezes há subjetividade no nosso julgamento de beleza e outras vezes julgamos de acordo com padrões estabelecidos pelo nosso tempo e nossa sociedade.

Ana Mae Barbosa

¹ Martin Jay, "Scopic Regimes of Modernity" in *Vision and Visuality*, Hal Foster, ed. (New York: Dia Art Foundation, 1988).

Bibliografia

JAY, Martin, "Scopic Regimes of Modernity" em , Hal Foster (org) *Vision and Visuality*. New York: Dia Art Foundation, 1988.

PARSONS, Michael. *Compreender a Arte*. Lisboa: Editora Presença, 1995

www.canalfutura/toda

Ana Mae Barbosa, professora titular ECA-USP e Anhembi Morumbi dirigiu o MAC-USP e foi presidente da INSEA-UNESCO e da ANPAP, Publicou 18 livros, sendo os últimos *O Pós Modernismo* (Ed. Perspectiva) e *Arte/Educação Contemporânea* (Ed. Cortez). Ensinou em várias universidades estrangeiras e atualmente é consultora do Canal Futura e da Petrobras Cultural.